

PAULA VALERY CAVALHEIRO DE ALMEIDA

**MULHER CONTEMPORÂNEA: AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE
REALIZAÇÃO E A IMPOSIÇÃO SOCIAL DE TOTALIDADE**

**Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Psicologia Clínica:
Teoria Psicanalítica**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adela Judith Stoppel de Gueller

COGEAE – PUC/SP

2016

MULHER CONTEMPORÂNEA: AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE REALIZAÇÃO E A IMPOSIÇÃO SOCIAL DE TOTALIDADE

Resumo

O objetivo do presente trabalho é apresentar o contexto sócio-histórico da mulher contemporânea como fator determinante na multiplicidade de realizações e ao mesmo tempo, como fonte geradora de angústia e sofrimento psíquico. Devido a incapacidade da mulher em alcançar todas as possibilidades disponíveis surgem diferentes respostas psicopatológicas.

Palavras-chave: mulher contemporânea, realizações, angústia, sofrimento psíquico, psicopatologia.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Silvia, minha avó Dalva, minha irmã Renata, minhas tias avós Jandira e Luiza (*in memorian*), e todas as grandes mulheres com quem eu tive o privilégio de compartilhar vivências, sentimentos e ensinamentos, servindo como exemplos e influências, desde a infância, na construção do meu eu mulher.

À minha pequena e amada afilhada, Giovanna, por iluminar minha vida e me demandar o compromisso de colocar a questão do feminino em pauta para garantir que o tema seja sempre objeto de análise e aprofundamento no futuro da sociedade.

Ao meu marido, Felipe, que esteve próximo a mim desde a concepção deste trabalho, compartilhando idéias, me encorajando e sendo companheiro frente às minhas possibilidades e limitações.

Ao meu pai, Marciano, por valorizar meus potenciais e me inspirar, com a sua persistência e empenho, a alcançar meus sonhos e minhas aspirações profissionais.

À minha orientadora, Profa. Adela, que, com vasto conhecimento, disposição e paciência, foi essencial na elaboração deste trabalho.

DEDICATÓRIA

Às mulheres, mães, filhas, casadas, solteiras, divorciadas, de variadas idades, classes, etnias, culturas; que, por diferentes nuances e perspectivas, me inspiraram a ver a perfeição nas essenciais imperfeições de suas existências.

*“Não me venha falar na malícia
De toda mulher
Cada um sabe a dor e a delícia
De ser o que é.”
(Caetano Veloso)*

SUMÁRIO

Introdução	7
I. A mulher na sociedade contemporânea: possibilidades e exigências.....	10
II. Desenvolvimento Infantil e o Supereu feminino	16
III. Psicopatologia contemporânea na mulher: histeria, melancolia e neurose obsessiva	23
III.I. Histeria	24
III.II. Melancolia	28
III.III. Neurose Obsessiva	32
Considerações Finais.....	36
Referências Bibliográficas.....	38

Introdução

Em minha vida pessoal e profissional testemunhei a vivência de “mulheres maravilhas” que trabalham, estudam, cuidam de filhos, dos relacionamentos, da saúde, do corpo, da alma, da alimentação, da carreira, do ‘status’, dentre outros. Mostram-se guerreiras, fortes, batalhadoras, autossuficientes, mas por trás da aparência, dos títulos e prêmios, desperta a minha atenção o desgaste psíquico que vivenciavam na infundável busca da excelência.

Esse assunto muitas vezes toma forma de discursos e frases sobre a sobrecarga da rotina diária: “eu trabalho tanto quanto ele, e ainda chego em casa, cuido dos filhos, faço o jantar”; “você sabe como é, né? sempre sobra para nós mulheres”; “meu marido até me ajuda, mas tem coisas que só a mãe pode fazer por um filho”, “não gosto de academia, mas prefiro ir do que não caber nas minhas roupas”.

As mulheres na atualidade são bombardeadas de reclames e propagandas de mídia, que exaltam a onipotência feminina, ao mesmo tempo que escondem a falta e a incapacidade, propagando modelos e padrões que implicitamente (ou explicitamente) impõem a perfeição.

Uma breve pausa em bancas de jornais é suficiente para entrar em contato com essa realidade. Grande parte de revistas para o público feminino trazem em sua capa matérias como: “Descubra quais os cortes de cabelo usado pelas famosas”, “Truques para passar base na pele que toda mulher deveria saber”, “O verão está chegando: confira dicas para arrasar na praia”, “Liderando uma equipe sem sair do salto”, “Como surpreender seu marido com pratos fáceis e saborosos”. Todos esses temas são trazidos geralmente junto a foto de uma mulher ícone da mídia, valorizada publicamente por sua beleza, fama, riqueza, sucesso profissional, entre outros atrativos que aguçam os olhares de tantas mulheres.

Mas a idealização da mulher não se restringe às revistas femininas. Mais do que isso, muitas revistas masculinas guiam os moldes femininos, expondo fotos de mulheres milimetricamente delineadas por “photoshop”, em posições

erotizadas e cenários irrealistas, criando assim, padrões de beleza femininos e de fantasias sexuais utópicas. São essas (ou as que se aproximam dessas) as mulheres desejáveis ao apetite masculino. E nessa pressão velada, as mulheres se espelham, se cobram, não alcançam e sofrem. No campo do desejo masculino, as mulheres, portanto, podem vir a tornarem-se meros objetos de satisfação, despersonalizadas, despidas e desconectadas de seus próprios corpos e de suas crenças, opiniões e vontades.

Uma outra linhagem de massificação contemporânea do estereótipo idealizado feminino é realizada através de “blogueiras” responsáveis por, muitas vezes irresponsavelmente, guiarem suas seguidoras com dicas de dietas mirabolantes e cronograma de exercícios intensos e radicais, tudo em prol do ideal de perfeição.

Mas não é somente na estética corporal que se estabelecem os padrões. As mulheres perfeitas devem também se vestir com roupas da moda, com maquiagem adequada, unhas feitas e cabelo bem penteado. A elas é destinada a famigerada independência financeira, alcançada depois de muito estudo e trabalho, almejando o sucesso profissional e a vida estável. Aliado a isso, deve a mulher ser perfeita em casa, sozinha ou com marido, com ou sem filhos, é importante que tudo esteja em sintonia, tal qual os padrões de revista.

Diante de belezas tão absolutas, servidas como guias, diariamente às mulheres, é fácil compreender a falta que sobrevém sempre que algum item na lista não é contemplado, tendo em vista que a falta que vem à tona exteriormente, remonta ao desenvolvimento infantil e ao Complexo de Édipo, em que a menina, ao se perceber castrada, compensa a falta procurando o detentor do falo (inicialmente o pai, posteriormente estendendo a outros homens), e passa a se enfeitar e se arrumar para conseguir atrair o olhar masculino e ser desejada.

Assim, o cerne do trabalho será analisar esse contexto social em que as mulheres estão inseridas na contemporaneidade e a partir disto relacioná-lo com questões do desenvolvimento infantil feminino, a descoberta da feminilidade e as diferentes possibilidades de realização fálica das mulheres, bem como com suas consequências psicopatológicas. É finalidade do trabalho tecer um estudo sobre a

multiplicidade de realizações fálicas femininas na atualidade que, paradoxalmente, se constituem como novas possibilidades, ao mesmo tempo que ocasionam metas inalcançáveis, suscitando desconforto na vida das mulheres, vez que, implicam na sensação de imperfeição e não saciedade contínuas, remontando as exigências superegóicas.

Tais objetivos serão contemplados a partir dos ensinamentos de Freud, percorrendo as questões conceituais do desenvolvimento infantil e da feminilidade abordadas em sua obra, e de outros autores psicanalistas que dissertaram sobre o assunto.

Assim, o caminho percorrido será situar a questão da influência social no mal estar feminino contemporâneo, percorrendo o desenvolvimento sexual feminino na infância, o Complexo de Édipo e a constituição do Supereu, finalizando com as saídas psicopatológicas encontradas na atualidade.

I. A mulher na sociedade contemporânea: possibilidades e exigências

Tão logo há o nascimento, o bebê humano necessita do cuidado do outro para sua existência. Diferentemente dos animais, ele nasce desprovido de possibilidades de cuidar-se sozinho, estando sua sobrevivência totalmente adstrita ao cuidado de um outro.

Através do acolhimento do bebê, realizado pela figura materna, capaz de nomear e eliminar os desprazeres, tais como fome, dores e medos e gerar impressões positivas no bebê, como eliminação de dores, fome, sensações desagradáveis, o bebê vai se percebendo como uma pessoa. Nesse aspecto, é em decorrência do olhar do outro que ele se constrói enquanto uma pessoa.

Assim, constata-se que tão logo venha ao mundo, o ser humano é proveniente da relação com o outro. Ao longo de sua vida, influencia e é influenciado pela sociedade. Essa inter-relação faz com que não seja possível haver a diferenciação completa do campo individual e coletivo.

Em “Psicologia das Massas”, Freud ressalta a inexistência da constituição solipsista do psiquismo, vinculando a realidade subjetiva individual a influência coletiva:

“A oposição entre a psicologia individual e a psicologia social ou das massas, que à primeira vista pode parecer muito significativa, perde boa parte de sua agudeza se a examinamos mais detidamente. É certo que a psicologia individual se dirige ao ser humano particular, investigando os caminhos pelos quais ele busca obter a satisfação de seus impulsos instintuais, mas ela raramente, apenas em condições excepcionais, pode abstrair das deste ser particular com outros indivíduos. Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia

social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado.”
(FREUD, 1921/2014, p. 14)

No decorrer das épocas é possível reconhecer a mudança de comportamentos, hábitos e civilizações, e assim sendo, a influência social no psiquismo humano está relacionada também com o momento histórico, geográfico e cultural da sociedade, variando em relação à época que esteja situado.

Neste contexto, o mesmo ocorre com a mulher. Ao longo da história, a mulher galgou seu papel na sociedade, foi influenciada pela sociedade e teve, por outro lado, função ativa na luta pela conquista de direitos.

A partir dos anos 1970 e 1980, com o movimento feminista enraizado na Europa, com destaque para a França, houve um rompimento com a ideia de diferenciação de sexos e uma conseqüente luta pela igualdade. O movimento fomentou o conceito da concepção de um filho como uma alternativa e não um destino obrigatório, em contraponto aos valores praticados na época:

“(...) não somos máquinas de reprodução”-, cria a possibilidade de um devir ativo da força de potência afirmativa. Do *pars destruens* – “ser mulher não é ser mãe” – ao *pars construens* – “o feminino como criação.” (NERI, 2005, p. 228)

No decorrer dos anos, a mulher alcançou uma amplitude de possibilidades além do bebê. Se antigamente estava restrita à espera futura de gerar um bebê, preferencialmente um bebê do sexo masculino (detentor do falo), no momento atual é vivenciada uma ampliação do cenário da mulher frente a uma equação de realizações fálicas, em que o bebê é somente um de seus ramos de possibilidades.

Observa-se na mulher moderna, cada dia mais, o questionamento feminino a respeito da maternidade e a busca de novas aspirações femininas:

“Em nossos dias, as mulheres são confrontadas com novas perguntas: em que atividade me realizarei melhor? Não seria a maternidade o ato mais enriquecedor para mim? Não me realizaria mais em uma carreira profissional? No caso de não querer sacrificar nem uma nem outra, qual delas devo priorizar? Para a maioria uma vida sem filhos é impensável, mas nem por isso elas estão prontas a sacrificar a independência financeira, a vida social e certo modo de afirmação pessoal.” (BADINTER, 2011, p.22)

A maternidade para as mulheres, atualmente, enfrenta alguns óbices, sendo o principal deles a desconstrução do instinto materno, permitindo a mulher optar diversas possibilidades de satisfazer-se em sua vida:

“O que nos diferencia dos séculos precedentes não é tanto nossa maior liberdade de ser ou não mãe, mas uma abordagem diferente do destino feminino. Este se confunde cada vez menos com a maternidade, porque outras vias são possíveis e desejáveis.” (BADINTER, 2011, p. 152)

Ressalta-se inclusive, que o bebê constitui uma satisfação narcísica passageira, pois, embora conceber um filho lhe dê um prêmio compensatório à falta simbólica fálica e seja uma chance de servir-se da experiência da feminilidade em seu caráter de passividade para atuar na maternidade, preenchendo a vida feminina; em condições psíquicas normais de desenvolvimento, a criança futuramente irá desvincular-se da mãe, remetendo-a novamente à sua existência faltosa.

Além disto, a maternidade pode vir permeada de masoquismo, em certas mães, que se demonstram abnegadas, voltadas totalmente à existência do bebê e vivenciam situações da maternidade com o peso da dor, como se com isso, retomassem a falta, culpando o bebê pelo sofrimento. Exemplos disto são mães que relatam fazer tudo pelos filhos: “eu tiro de mim para dar para ele”, sem que isso demonstre prazer no oferecer ao outro, mas somente penar e desgosto.

Junto a capacidade de conceber um bebê, coexistem equivalências de realizações fálicas para a mulher, tais como a carreira profissional, estudo acadêmico, o dinheiro, a fama, o poder, entre inúmeros outros:

“O fato é que, nos últimos cem anos, houve uma diversificação na aposta de realização fálica das mulheres. As meninas não brincam só de mães que cuidam de bebês, cozinham, decoram a casa ou abastecem o lar. Elas brincam de trabalhar, de ser aventureiras que ganham o mundo e de super-heroínas poderosas e destemidas (...)” (JERUSALINSKY, 2008, p. 14)

Embora haja um nítido avanço no sentido de conquistas femininas, as mesmas conquistas podem tornar a mulher vítima de suas múltiplas possibilidades. A mulher então, diante de uma gama de variáveis, toma tudo para si, desejando dar conta de todos os campos de possibilidades.

O estereótipo da mulher moderna, estampado em revistas femininas, é repetido, caótica e imperfeitamente, em grande parte das famílias. Trata-se da mulher total, supermulher, “faz-tudo”: jornada intensa de trabalho, filhos, bem-sucedida profissional e economicamente, impecavelmente arrumada, unhas e cabelos cuidados, corpo dentro dos padrões estéticos, casa limpa e asseada, boa cozinheira, boa mãe, boa filha, e excelente esposa:

“O predomínio das imagens e o seu uso pela mídia na sua função hipnótica de captura e de fascinação favorecem uma ‘passivação’, ao mesmo tempo em que acentuam a identificação especular com o apagamento das diferenças entre o eu e o outro. A mídia, por meio da publicidade, oferece-nos cotidianamente modelos de identificação que fazem *apelo direto ao corpo*.” (ALONSO, 2011, p. 216)

Destaca-se o habitual caso da mulher que sai de casa logo pela manhã e deseja ter um bom desempenho no trabalho, ao mesmo tempo que se desdobra para manter todo o resto em perfeita harmonia, exigindo-se (e delas sendo

exigidos da sociedade) níveis de perfeição inatingíveis em todas as áreas e vertentes de suas vidas. Quando se dá ao direito de falhar, ou por impossibilidade de conseguir manter a perfeição, falha, sofre reprovação superegóica.

A mulher nunca está perfeita. Sempre lhe falta algo a alcançar, a viver, a realizar, a experimentar, criando para si um ideal de vida. Tal necessidade tem se demonstrado na demora da mulher em ser independente e viver sua própria experiência de existência. Nos tempos atuais, nota-se uma mudança em relação a épocas anteriores. Hoje, é comum mulheres com trinta e até quarenta anos que ainda moram com os pais, e que refletem, em seus discursos, a necessidade de terem plenas condições de vida antes de viverem sozinhas, visando garantir o mesmo nível de padrão de vida para conseguirem sair da casa dos pais.

Vivencia-se, portanto, uma sociedade estruturada com base no que aparenta ser o ideal de felicidade, galgada no exterior que, de tanto ser replicado, passa a ser incorporado, substituindo a diversidade subjetiva pela unidade massificante de pensamento. Torna-se uma sociedade voltada para a busca da perfeição:

“A alienação do telespectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda a parte.” (DEBORD, 1997, p. 30)

Abordaremos no capítulo seguinte o que resulta da conjunção da sensação de constante insuficiência, fruto da vida social contemporânea, aliada ao

desenvolvimento sexual infantil, à formação do supereu e a busca desenfreada de equivalentes fálicos.

II. Desenvolvimento Infantil e o Supereu feminino

No desenrolar de sua obra, Freud sustenta a dificuldade de compreensão do universo feminino, referindo-se ao “enigma da feminilidade”, que para ele, sempre se foi um campo obscuro e de pouco acesso.

Inicialmente, Freud utilizou dos saberes da anatomia, pretendendo manter um paralelo entre esta e a vida psíquica, no que o homem estaria vinculado à atitude ativa e a mulher à postura passiva. Essa comparação foi posteriormente afastada, na medida em que na vida humana não ocorre essa predominância com exclusividade. Por exemplo, uma mãe que dá de mamar para o bebê demonstra simultaneamente um caráter ativo e passivo.

Em meio a sua análise, em particular na obra “A feminilidade”, procurando compreender as mulheres, Freud chega a perpetuar estigmas e pensamentos culturais encarceradores do ser feminino. Assim o faz quando, por exemplo, discorre sobre a realização feminina vinculada estritamente à maternidade de um filho-falo e sobre a necessidade de ser uma mãe para seu marido, na tentativa de obtenção de um marido-falo:

“O que observamos é que para Freud essa questão não está solucionada logo de início. Ao contrário, para ele tudo que se refere à sexualidade feminina é misterioso, obscuro, continente negro, o desejo feminino persistindo até o final de sua vida como um enigma: o que quer uma mulher?”
(TEIXEIRA, p. 13)

O assunto do feminino, longe de ser um tema de pleno domínio para Freud, traz à tona o seu desconhecimento:

“Eis tudo o que eu tinha a vos dizer sobre a feminilidade. É certamente incompleto e fragmentário, e nem sempre parece amigável. (...) Se vocês quiserem saber mais sobre a feminilidade interroguem suas próprias experiências de vida, enderecem-se aos poetas, ou então esperem que a ciência

possa vos dar informações mais aprofundadas e coerentes.”
(FREUD, 1933/2010, p. 293)

Deste modo, afastando-se da conceituação de mulher, Freud dispendeu esforços no sentido de compreender o desenvolvimento sexual feminino e a por fim, ao próprio desenvolvimento da feminilidade:

“É próprio da peculiaridade da psicanálise, então, que ela não se ponha a descrever o que é a mulher – uma tarefa quase impossível para ela -, mas investigue como a mulher vem a ser, como se desenvolve a partir da criança inatamente bissexual.” (FREUD, 1933/2010, p. 269)

Sobre o desenvolvimento da sexualidade feminina decorre que, na saída do Complexo de Édipo da menina, três são os caminhos inconscientes possíveis à ela, que podem alternar-se entre si e sua concepção simbólica se estende na fase adulta. São eles: masculinização, revulsão e feminilidade.

Sobre o destino da masculinização, a menina, sentindo-se inferiorizada pela falta do falo, agarra-se à sua masculinidade que se encontra sob ameaça, numa tentativa frenética de obter um pênis. Tem-se que:

“Queremos dizer que a menina como se recusa a admitir o fato desagradável, exagera mesmo a sua masculinidade até então, em obstinada recalcitrância, continua a se ocupar do clitóris e se refugia numa identificação com a mãe fálica ou o pai.” (FREUD, 1933/2010, p. 286)

Assim, muitas vezes a mulher adulta, na masculinização, tenta se fazer valer de atributos fálicos para exercer sua masculinidade. Situações de masculinização, em casos específicos, podem ter como consequência a escolha homossexual ou frequente rivalidade com o sexo masculino.

Nos tempos atuais é grande o aumento de mulheres que atuam com cargos de chefia, diretoras e presidentes de empresas, fruto da árdua luta do feminismo, bem como de seu esforço pessoal, competência e profissionalismo

para tanto após intensa dedicação. Muitas utilizam o canal para satisfação fálica, porém, vemos comumente o aparecimento de mulheres que podem vir a se mostrarem carrascas e insensíveis às questões humanas, utilizando o poder autoritário e exacerbado perante os funcionários no ambiente de trabalho.

Em se tratando de revulsão, ocorre que a mulher, frente à desilusão, padece da inveja do pênis, que traz marcas indeléveis neste caso, tendendo a se debruçar sobre uma melancolia e anestesia frígidas perante a sua sexualidade, abdicando de sua masculinidade no prazer clitoridiano:

“Magoada em seu amor-próprio pela comparação com o garoto bem mais aparelhado, ela renuncia a satisfação masturbatória com o clitóris rejeita seu amor à mãe e, não raro, reprime assim uma boa parte dos seus impulsos sexuais.” (FREUD, 1933/2010, p. 282)

A frigidez que assola a menina não se dá somente no que concerne a sexualidade, mas em diversos aspectos da vida. A exemplo disto, tem-se mulheres que viram as costas para a questão fálica e para o mundo diante da vivência da castração, que para elas é insustentável, não despertando interesse por nada, desde o cuidado pessoal até por estudo e outros campos de conhecimento.

Na saída da feminilidade, a saída mais saudável para a mulher, existe a desilusão acerca da onipotência materna, e a busca pelo detentor do falo. A mulher então, vivencia a necessidade de ativamente se mostrar passiva para conquistar o detentor do falo. Assim, há a retomada da passividade atingida após uma longa atividade, isto porque, a menina exerce sua passividade de maneira ativa no jogo de fazer-se desejar, inicialmente voltado ao pai e posteriormente, estendido a outros meninos, possuidores do falo:

“Poderíamos pensar na feminilidade como caracterizada psicologicamente pela preferência por metas passivas. Isto não é o mesmo que passividade, naturalmente. Pode ser

necessária uma boa dose de atividade para alcançar uma meta passiva.” (FREUD, 1933/2010, p. 268)

Na feminilidade, portanto, a mulher faz-se objeto de desejo daquele que se supõe como detentor do falo. Assim, enquanto o menino exhibe e sente o poder de seu falo, a menina erotiza seu corpo, arruma-se e torna-se desejável ao detentor do falo. Disto temos que, no Complexo de Édipo, enquanto que para o homem, a castração o empodera falicamente, à menina, porvir mulher, restaria somente uma promessa futura de possibilidade de ter um bebê:

“Na vaidade física da mulher também está implicada a inveja do pênis, pois ela deve apreciar mais ainda os seus encantos, como tardia compensação pela inferioridade sexual original.” (FREUD, 1933/2010, p. 290)

Embora a mulher não seja marcada pela angústia de castração tal qual o menino, em virtude de não haver ameaça de perda pela ausência do pênis, sua marca corporal a colocaria no lugar de menor valor perante o homem, e a vaidade feminina traria a tentativa de encobrir a sua ausência fálica, tal qual uma máscara e um blefe:

“A queixa é ouvida com frequência nos consultórios psicanalíticos. Parece fazer mais sentido quando parte das mulheres. Refere-se, talvez, ao desempenho – amoroso, sexual, profissional: “no fundo, sei que sou um blefe: a qualquer hora vão me descobrir; é só questão de tempo”. O óbvio ocorre ao analista. A mulher é, por definição, um sujeito que blefa. Que se mascara para ocultar uma falta. Que se faz “toda” fálica para se compensar da castração.” (KEHL, 1999, p. 79)

No contexto do Complexo de Édipo, Freud propõe a diferença entre homens e mulheres acerca da formação do Supereu. Isto porque na menina, diferentemente do que ocorre com o menino, não ocorreria a dissolução completa do Complexo de Édipo, posto que não há angústia de castração.

Assim, enquanto que no homem a formação do Supereu implica na dissolução do Complexo de Édipo, na mulher, a falta do falo a mantém no Complexo de Édipo, pois a menina ingressa nele tal qual um refúgio à insuficiência materna e a inveja do pênis, permanecendo no Complexo de Édipo por tempo indeterminado, ocorrendo, segundo Freud, um prejuízo e enfraquecimento do Supereu, posto que a figura paterna não exerce o papel de castrador:

“Não sucumbindo ao golpe da ameaça de castração, a menina não renuncia à sua demanda de amor ao pai, isto é, à sua demanda de receber o pênis, ou o filho que será substituto dele. Mantém essa demanda, aferra-se a ela, mesmo que ela se dirija, em consequência, a substitutos do pai.” (MILLOT, 1989, p. 35)

Resquício do Complexo de Édipo, o Supereu, na medida em que se dá a castração com a suspensão dos desejos edípicos e a identificação com as figuras idealizadas, abre novas possibilidades de desejo e introjeta as proibições e as advertências das vozes parentais:

“O Super-eu conservará o caráter do pai, e quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o Super-eu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa.” (FREUD, 1923/2011, p. 43)

O Supereu é permeado por questões idealizadas sobre o dever ser, a moral, regras, leis e demais demandas da sociedade. É ele o responsável por abarcar todas as exigências da cultura, consentir as figuras autoridades, e também, invoca o sentimento de insuficiência e de pecador tão presentes nos discursos religiosos:

“O supereu é uma instância explorada por nós; a consciência, uma das funções que a ele atribuímos, a de vigiar os atos e intenções do Eu e de julgar, exercendo a atividade censória.” (FREUD, 1930/2010, p. 109)

Devido a sua atividade censória e repressora, o Supereu apresenta uma crueldade desmedida e insaciável perante o eu:

“À medida que o eu se esforça no sentido de alcançar uma nobreza moral, um estado análogo à santidade, que ele busca atender a essas exigências que são justamente impossíveis de serem cumpridas, o supereu torna-se ainda mais exigente. Para Freud, portanto, o supereu é uma instância cruel e que não tem noção da realidade. Suas exigências desmedidas não são, na realidade, simples exigências morais que o sujeito poderia cumprir desde que aceitasse abrir mão de seu gozo. Ao contrário, tornam-se maiores e mais absurdas à medida que ele busca atender essas exigências.” (TEIXEIRA, 2014, p. 75)

No caso em particular da mulher, a persistência no Complexo de Édipo traz como consequência a dependência explícita na figura do outro, neste caso, o outro masculino. Freud sustenta que o Supereu feminino está vinculado ao exterior:

“É por isso que a fonte de sua angústia residirá no risco de perder esse amor, perda que assumiria, para ela, a significação de uma recusa de recebimento de sua demanda fálica. A partir daí, o Outro ao qual se dirige a demanda, encontra-se em posição de submetê-la a exigências eventualmente sem limites. Ele ocupa o lugar desse supereu que lhe falta enquanto instância intrapsíquica. A mulher teria, por assim dizer, o supereu no exterior.” (MILLOT, 1989, p. 35)

Neste contexto, destaca-se a questão da submissão ao desejo masculino:

“Ser o falo lhe garante portanto uma identificação possível, mas ao preço de uma instabilidade frente à fantasia do homem, o que é experimentado sob a forma de despersonalização. O fenômeno da moda é um exemplo nítido dessa instabilidade: esse corpo feminino que através dos tempos engorda, emagrece, realça ou esconde determinadas partes, moldando-se conforme o desejo masculino, mostra como para ela colocar-se na posição de suscitar o desejo do homem a deixa à mercê desse desejo.”
(TEIXEIRA, 1991, p.21)

Assim, a mulher, inicialmente desejosa de alcançar o detentor do falo que lhe traga a possibilidade de vivenciar a experiência fálica, torna-se escrava dos desejos do outro e, mais que isso, torna-se o próprio falo masculino.

III. Psicopatologia contemporânea na mulher: Histeria, melancolia e neurose obsessiva

Em virtude da organização feminina superegóica, a mulher vivencia, mais do que o medo da castração, o medo de perder o outro, submetendo-se, de diferentes formas, a relacionamentos abusivos e a exigências de perfeição inatingíveis:

“Se percorrermos os países e os séculos, veremos em quase toda parte mulheres adoradas e oprimidas. O homem, que nunca perdeu uma oportunidade de abusar de sua força, ao render homenagem à beleza delas, por toda parte se prevaleceu de sua fraqueza.” (BADINTER, 1991, p. 37)

Isto, aliado ao contexto histórico-social contemporâneo onde as aparências, poder, dinheiro, fama e beleza são fatores de definição de felicidade, é possível ver germinar o mal estar feminino em mulheres que não conseguem atingir a todas as expectativas, ocasionando o remodelamento das psicopatologias a partir do contexto social que estão inseridas: histeria, melancolia e neurose obsessiva.

III.I. Histeria

O surgimento da Psicanálise tem como contexto inicial o estudo da histeria em mulheres. A partir dos casos que não possuíam explicação no campo da medicina, e que, por essa razão eram depreciados e sub julgados, que Freud debruçou-se a investigar os aspectos inconscientes do psiquismo:

“Foi a partir da escuta das histéricas que Freud pôde reconhecer a existência de um psiquismo com suas determinações inconscientes, outorgando a um conceito que já existia uma especificidade: o de ser um inconsciente sexual-pulsional. Além disto, pôde reconhecer a existência pulsante de um corpo que não se confunde com o corpo orgânico, e que determina o caráter enigmático do sintoma: o corpo erógeno.” (FUKS, 2012, p. 11)

Assim, Freud descobriu que o corpo humano, objeto de estudo das ciências biológicas, transcendia o aspecto orgânico, e para além de suas fronteiras físicas, mostrava-se um o corpo erógeno, pulsional, moldado por experiências, sensações, desejos e interferências sociais, denotando a subjetividade psíquica de cada experiência humana:

“Há, então, um corpo-soma, que é o corpo organismo ou o corpo biológico; há, também, uma imagem do corpo, que será construída no processo de construção do próprio eu: um corpo atravessado pelo simbólico, que é um corpo histórico, erógeno, sexual que se constitui à maneira da montagem de um quebra-cabeça, que vai sendo armado de forma singular.” (FUKS, 2012, p. 110)

A histérica experimenta suas dores, traumas e frustrações a partir de manifestações corpóreas. Os sintomas histéricos estão estruturados com base nesse corpo subjetivo, construído a partir de vivências sociais e organizações psíquicas. A manifestação corporal da histeria traz a possibilidade de concretizar

no corpo o que não consegue ser dito de forma consciente em palavras. Trata-se da chamada “conversão”:

“O fenômeno conversivo dá testemunho do conflito histórico tensionado entre o desejo que está sempre presente e alguma outra coisa, que se opõe a ele, pertencente ao eu. O sintoma satisfaz a pulsão e realiza o desejo, ambos parcialmente. É uma forma substitutiva de satisfação da sexualidade infantil recalcada e uma forma, parcial, de realização do desejo infantil.” (FUKS, 2012, p. 120)

Na histeria, devido a implicação corporal direta, ocorre uma grande capacidade de utilizar o corpo como fonte de comunicação, muitas vezes com predomínio da teatralidade e gestualidade exacerbadas. É também através de inscrições no corpo que a histeria aparece:

“É o ‘corpo da lacuna’, corpo das falhas que se tenta ocultar mediante a maquiagem para preservar a estabilidade da imagem espetacular que ameaça fragmentar-se.” (FUKS, 2012, p. 143)

Na Viena do fim do século XIX em que Freud estava inserido, o sintoma histórico sustentava as particularidades de vida das mulheres que viviam passivamente para seus homens e, impedidas de terem voz, sentiam o sufocamento a partir de fenômenos corporais.

Da mesma maneira, o sintoma histórico atual revela, uma sociedade galgada no ideal de aparências. Embora atualmente não sejam mais comuns crises tais como eram comuns em Viena de Freud, hoje assiste-se a outros tipos de cenas:

“(…) nesta época é possível ver-se uma jovem definhar, seu corpo inteiramente reduzido, na anorexia, presa da mortificação, sob o império da ‘cultura light’, que toma o

‘estar em forma’ como imperativo máximo do ideal de saúde de beleza.” (ALONSO, 2011, p. 174)

Por apresentar esse caráter de denunciar os adoecimentos de cada sociedade e época histórica, atualmente vê-se a histeria expressada em surtos de pânico, fobias, bulimias, anorexia e patologias relacionadas à sociedade narcísica moderna:

“Na cultura de massa, as apresentações da histeria difundem-se com rapidez, provocando verdadeiras epidemias psíquicas. Os desenvolvimentos tecnológicos no campo das comunicações, a permanente presença da mídia e da internet exercem efeitos sobre a força de ‘contaminação’, própria da histeria. As histerias atuais, iguais às de outras épocas, emergem de momentos históricos, geográficos e culturais específicos, mas, neste momento, a globalização faz com que uma forma de apresentação surgida num lugar se difunda com rapidez para outros lugares do planeta. Podemos identificar apresentações da histeria no seio de algumas epidemias que ocupam cena contemporânea: os pânicos, a fadiga crônica, as anorexias e bulimias, as personalidades múltiplas e as fibromialgias.” (FUKS, 2012, p. 303)

“Vemos assim que, embora os sintomas conversivos não tenham deixado de existir, como tampouco as amnésias e a bela indiferença – que em nossos dias se apresenta, entre outras formas, como *tedium vitae* – hoje a ‘máscara’ da histérica parece, em alguns casos, ter caído, provocando um deslocamento: a ansiedade maciça, os tremores, os pânicos tomando seu lugar, tocando o limite das fobias; em outros momentos, a acentuação da dissociação conduz quase às bordas da perversão, ou, ainda em outros, é a depressão

que parece ter tomado conta do corpo.” (ALONSO, 2011, p. 200)

Decerto que nem todos os pacientes que recebem diagnósticos das patologias acima são histéricos, mas quando o são, a expressão do sintoma histérico é capaz de deixá-los visíveis para serem escutados e trabalhados, devido à peculiaridade da histeria em evidenciar o mal estar na atualidade.

III.II. Melancolia

A melancolia, compreendida por Freud como uma neurose narcísica, ela tem estrita relação com o desenvolvimento do eu:

“As neuroses narcísicas (...) dizem respeito à organização do eu quanto á sua constituição, marcada por um traumatismo desorganizador precoce e suscetível ao poder de um segundo traumatismo de desencadear uma reação depressiva característica.” (AMARAL, 1997, p. 175)

O período da infância é de grande importância na constituição do eu, pois é nesta fase que a criança constrói a sua subjetividade. O contato com a figura materna garante a subsistência do bebê, acolhendo suas angústias, garantindo a descarga de acúmulos de desprazer e possibilitando a erotização do bebê. Aos poucos, junto a apropriação do corpo e ao auto-erotismo do bebê, a mãe vai introduzindo-o ao mundo externo e propiciando que ele possa se ver não mais como um conjunto simbiotizado da mãe, mas para além dela. O narcisismo, parte essencial do desenvolvimento infantil, implica nessa formação do eu como uma instância psíquica apropriado de uma unidade corporal.

Durante esse processo de relação com o outro podem haver falhas tanto no que tange à inscrição materna no bebê quanto a insuficiência do bebê em recebê-las, ocasionando um desenvolvimento fora do esperado. A melancolia relaciona-se à fixação da libido na fase narcisista:

“Ao se deparar com a perda, o melancólico regride a um estágio anterior no seu desenvolvimento, no qual houve uma ferida narcísica, ficando paralisado, impossibilitado de realizar o luto, uma vez que há uma retração da libido de volta ao eu. O melancólico se identifica com o objeto perdido. A melancolia é considerada uma neurose narcísica.” (MENDES et al, 2014, p. 426)

Em sua obra “Luto e Melancolia” (1917), Freud diferencia o luto da melancolia, sendo o primeiro uma reação decorrente de uma perda real, apresentando-se como um aspecto saudável da perda, posto que propicia o posterior desinvestimento libidinal do objeto perdido para outro objeto. Já na melancolia, a perda experimentada tem natureza desconhecida, trata-se, portanto, de uma perda inconsciente, que ocasiona sintomas de inibição, empobrecimento da auto-estima e sentimentos autopunitivos e autodepreciativos:

“O melancólico descreve a si mesmo como alguém indigno, incapaz e moralmente desprezível, recrimina-se, insulta-se e espera ser rejeitado e castigado. Estende a sua auto-recriminação também ao seu passado – nunca fui melhor – sente-se um enganador, um embusteiro. E esse quadro se completa com insônia, recusa de alimento e um grande desapego da pulsão que compele todo ser vivo a se apegar à vida.” (AMARAL, 1997, p.169)

A melancolia atua a partir da identificação com o objeto perdido (idealização), de tal modo que, ao dar queixa de si, dá queixa dele. Assim, a partir da decepção vinda do objeto, a libido, a princípio aplicada neste, e que tenderia a ser deslocada para um novo objeto, como no caso do luto, recua para o Eu, identificando-se com o objeto:

“A perda do objeto na melancolia causa uma cisão no ego em razão dela ser introjetada como uma perda relativa ao ego através de identificação narcísica com o objeto perdido o que explica o seu alheamento do mundo. O ego cindido em duas partes, uma identificada com o objeto perdido, e a outra constituindo o agente crítico que o julga como se fosse o objeto perdido, o ataca com agressividade, sem discernir que está atacando a si próprio.” (LAENDER, 2005)

O eu é tido como um objeto, e a falta de investimento e ataque ao objeto é diretamente relacionada a falta de investimento e ataque ao eu, motivo pelo qual observa-se em casos extremos, a ocorrência de casos de suicídio.

Na melancolia, o supereu atua de maneira extremamente cruel, punindo o Eu, que toma para si a punição e convoca todo o impulso sádico do melancólico. O sadismo instala-se no supereu e volta-se contra o eu.

“Melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação de interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição.” (FREUD, 1917 [1915]/2010, p.172)

Em um contexto de sociedade narcisista, aliado ao rigoroso supereu feminino, ela passa a viver a melancolia de ser mulher e ao atacar a si mesma, demonstra o ataque e afronta ao ideal não alcançado. Assim, a mulher pode vir a se melancolizar, com evidente apatia; a partir da perda de um ideal, se pune, e manifesta diminuição da autoestima, que afeta o passado e o presente, pois acredita nunca ter sido boa o suficiente:

“Corpos pós-modernos exigidos de perfeição, já que identificados com o lugar do eu ideal, devorados pelas imagens que lhes exigem fazer-se outro pela aquisição de um objeto. Corpos destituídos de historização pela eliminação progressiva do relato. Sujeitos pós modernos que, por acreditarem que tudo é possível, vivem as impossibilidades como insuficiência. Sujeitos que, em lugar de estarem cindidos entre o desejado e o proibido, parecem estar entre o possível e o impossível.” (ALONSO, 2011, p. 217)

Tem-se então o modelo melancólico proveniente da sociedade do espetáculo, consequência de uma sociedade baseada em valores exteriores, com culto da aparência, supervalorizando o individualismo, a competição e o consumo desenfreado, ocasionando uma perda inconsciente e não assimilável, com impossibilidade de simbolização e representação.

III.III. Neurose Obsessiva

Para a Psicanálise, a neurose obsessiva refere-se a um transtorno decorrente de uma experiência traumática em seu contexto libidinal na segunda metade da infância, em que o sujeito mantém um ponto de fixação, regredindo à fase anal-sádica da libido: "(...) a organização sexual que contém a predisposição à neurose obsessiva se estabelece e jamais é inteiramente superada (...)" (FREUD, 1913/2010, p. 331)

O tema da neurose obsessiva foi explorado por Freud em "O homem dos ratos" (1909). No caso, Freud constata que o paciente apresentava pensamentos obsessivos como uma defesa contra seus pensamentos de hostilidade contra pessoas das quais ele racionalmente afirmava amar. O paciente demonstrava possuir um conflito de sentimentos de amor e ódio, e segundo Freud: "atitude de amor e ódio do paciente está entre as características mais frequentes, mais marcantes e, portanto, provavelmente mais significativas da neurose obsessiva." (FREUD, 1909/2013, p. 102)

Para Ferrari (2007), a regressão à fase anal no período psíquico é caracterizada pela ambivalência nas relações com o objeto, ocasionando um estado de indecisão, de dúvida, frente à necessidade de escolha de uma opção em detrimento de outra. Um dos caracteres ambivalentes presentes na neurose obsessiva diz respeito aos desejos de amor e ódio, representantes da retenção e da expulsão, respectivamente.

Tais pacientes apresentam pensamentos obsessivos que inicialmente aparentam não ter lógica e nem nexos em relação à função intelectual, porém, se analisados com cautela, trazem consigo todo o seu teor, expressado a partir do afeto.

Verifica-se que os neuróticos obsessivos necessitam ter controle sobre si e sobre os outros, barrando, tanto o seu gozo quanto o do outro. Costumam seguir todas as regras com imenso rigor. Tudo se torna prático, sem espaço para a emoção e excessos. Isto porque, o neurótico obsessivo mantém crenças de que

seu ódio ou desejo seriam capazes de destruir o outro e diante disto, ele se defende, vivendo no campo do conhecido e dentro das leis e convenções sociais:

“Seus sintomas são picuinhas. Seu sofrimento consiste em ter que se haver com mandatos e injunções simultâneas, contraditórias e absurdas, referentes a pequenos detalhes da ordem cotidiana pelas quais um histérico, por exemplo, passaria batido. O obsessivo é o síndico, o legalista, o bedel. O que tenta barrar qualquer excesso no gozo do seu semelhante, que possa lembrar-lhe tudo quanto ele mesmo não se permite. Ainda quando seu sintoma se manifeste na forma da delinqüência por sentimento de culpa, é para afirmar a lei, para fazê-la funcionar ao pé da letra que ele transgride e se faz castigar.” (KHEL, 1999, p. 79)

Neste contexto, por estarem sempre dentro de padrões e convenções sociais (exceto em casos extremos), podem passar despercebidos: “a neurose obsessiva claramente faz parte de nossa, poder-se-ia dizer, normalidade.” (MELMAN, 1999, p. 53)

O neurótico obsessivo é fechado em si mesmo, caracterizado por alguém que já experimentou possibilidades na vida, e preferiu permanecer no lado “correto”, eliminando todo o desejo, tido para si como condenável. A sua vida, portanto, torna-se conhecida, familiar, sem muitas possibilidades de novas experiências ou novidades:

“À diferença da histérica, pode-se dizer que o obsessivo resiste às mudanças. Ele não brande bandeiras de inovações nem contesta o vigente. Ao contrário, demanda uma ordem e uma repetição que anseiam o absoluto. (...) Mas, mesmo sendo assim, seu projeto – como são, aliás, os visados pelas neuroses – tende ao fracasso. O novo o alcança, e lá está ele sem saber o que fazer consigo mesmo.” (MEES, 1999, p. 38)

Geralmente os neuróticos obsessivos são pessoas muito empenhadas no que fazem, e o fazem com bastante qualidade, em virtude da busca de perfeição e do domínio total sobre isto, fazem bons trabalhos. São pessoas que se exigem demais, estão sempre se cobrando. Além disto, frente às situações do cotidiano, os neuróticos dão ênfase muito maior do que o esperado, tornando-as grandes acontecimentos. Diante de momentos que são colocados à prova, optam por desistir. Segundo Freud: “Sua característica essencial é serem incapazes de decisão, especialmente em questões de amor; procuram adiar toda decisão (...)” (FREUD, 1909/2013, p. 98).

Em se tratando de mulheres, apesar do consenso vincular a questão histórica mais relacionada ao feminino e a neurose obsessiva ao masculino, observa-se atualmente um aumento de mulheres com aspectos neuróticos obsessivos em detrimento das com comportamento histórico.

No caso feminino, a neurose obsessiva remete a uma necessidade de reconhecimento inicialmente paterno, tomando extensão maior como um reconhecimento *lato sensu*, sob pena de perdê-lo:

“Para merecer e continuar a merecer o reconhecimento paterno – o único que ela tem, já que sua mãe a odeia precisamente por ser a candidata do pai –, ela terá que ter sucesso. Levar o nome do pai a um lugar de exceção, a um lugar de brilho social, que é o que o pai almeja.” (JERUSALINSKY, 1999, p. 31)

Essa imposição latente de ser o ideal do eu e estar fadado ao fracasso, ocasiona na mulher um efeito devastador:

“Digamos que são poucas as análises de mulheres neuróticas obsessivas que têm bom futuro, que chegam a recompor a posição desta mulher numa certa condição produtiva. Geralmente as mulheres neuróticas obsessivas constituem um personagem triste na família: personagem da louca da família, o personagem que é abandonado,

fracassado, porque não tem em quem nem em que se reconhecer, refugia-se num ritual, numa repetição ou no auto-abandono.” (JERUSALINSKY , 1999, p. 32)

A sociedade contemporânea, assentada na superficialidade ilusória de alcançar a todos os ideais reforça a insuficiência feminina. O Supereu ocasiona a insatisfação e sofrimento a partir do esforço dela em tentar chegar ao ideal e não conseguir: “A tensão entre as expectativas da consciência e as realizações do Eu é percebida como sentimento de culpa.” (FREUD, 1923/2011, p. 46)

O sentimento de culpa na mulher é, portanto, fruto da impossibilidade do Eu em atingir à severidade de instruções do Supereu, que no caso da mulher relaciona-se à aprovação do outro, oferecendo saídas diferentes nos casos de neurose obsessiva e de melancolia:

“Na neurose obsessiva trata-se de impulsos chocantes que permaneceram fora do Eu; na melancolia, o objeto a que toca a ira do Supereu foi acolhido no Eu por identificação.” (FREUD, 1923/2011, p. 64)

Assim, no caso da neurose obsessiva, embora o sentimento de culpa seja bem forte, a neurótica consegue se revoltar e questionar o sentimento. Já no caso da melancolia o impacto é maior, e é capaz de submeter totalmente o Eu, que toma para si a culpa e se assujeita às punições.

Considerações Finais

No decurso do presente trabalho foi possível situar o contexto sócio-histórico em que a mulher contemporânea está enraizada e, portanto, diretamente influenciada, vinculando-o ao desenvolvimento sexual infantil, Complexo de Édipo, construção do Supereu e as novas figurações da psicopatologia moderna.

Para Freud, o universo feminino representava um enigma difícil de se decifrar, e por essa razão, preferiu não se ater na conceituação da mulher, mas sim, aprofundar-se na seara do desenvolvimento psíquico feminino.

No desenvolvimento sexual infantil feminino, e conseqüente saída do Complexo de Édipo, são disponibilizados à mulher três caminhos possíveis: masculinização, revulsão e feminilidade.

Em se tratando da masculinização, a menina sentindo-se inferior frente ao masculino pela falta do falo, serve-se do comportamento masculino como maneira de evitar entrar em contato com a sua falta. Já na revulsão, o que ocorre é o desprendimento da libido frente à constatação de impossibilidade de ter o falo. Por fim, na saída que Freud considera a mais saudável, a menina desiste de ter o falo e passa a dedicar seu interesse na conquista do possuidor do falo e, identificando-se com a mãe, arruma-se e empenha-se para tornar-se atrativa ao sexo oposto.

Nesse contexto, a menina entra no Complexo de Édipo a partir da desilusão materna de completude, e por falta de elemento a ser castrado, permanece no Complexo de Édipo por mais tempo do que o menino, ocorrendo, nela, o enfraquecimento do supereu e conseqüente dependência na figura masculina.

Portanto, a menina, desde tão logo perceba a ausência do falo em si mesma, pode vir a se sentir inferior, empenhando-se para conseguir o detentor do falo, tornando-se também submissa aos desejos masculinos.

Através dos tempos, as mulheres estiveram adstritas à maternidade, em que o bebê seria um equivalente fálico possível a mulher. Ocorre que, com a

ascensão feminina e luta pela equiparação sócio-econômica da mulher, principalmente a partir dos anos 70, formaram-se diversas outras possibilidades de realizações fálicas, dentre elas, estudo, carreira profissional, fama, status, beleza, permanecendo ao seu dispor todas incontáveis oportunidades de crescimento pessoal e desenvolvimento profissional.

Tais possibilidades garantiram a mulher gozar de uma plenitude fálica e, ao mesmo tempo em que se apresentaram como oportunidades, nos moldes de vida contemporâneos, constituíram-se como exigências.

Em uma sociedade narcísica em que se valoriza a exterioridade e a padronização mais do que a subjetividade, em que estereótipos de sucesso são aclamados por meio das mídias sociais, que servem exemplos cada vez mais irreais, sob o véu da ilusão de uma aparência sem retoques, a mulher vê-se compelida a atingir níveis cada vez mais artificiais para sentir-se completa e socialmente inserida.

Por serem ideais impossíveis de se alcançar em todas as suas vertentes, ocasionam na mulher o sentimento de insuficiência em atingir todas as expectativas, dando espaço para o aparecimento das psicopatologias contemporâneas, que denunciam o sofrimento feminino e a incapacidade da totalidade.

A exemplo do que ocorre na histeria, assiste-se atualmente novas apresentações históricas relacionadas à sintomas corpóreos, através de casos de transtornos de ansiedade, bulimia, anorexia, fibromialgia, fobias. É possível também observar a melancolização feminina em diversas estruturas psíquicas, em que prepondera um ataque massivo ao eu e desvalidação de si própria. Por fim, tem-se verificado o aumento da neurose obsessiva em mulheres, que diante da necessidade de reconhecimento absoluto em uma sociedade de ideais utópicos, está fadada ao fracasso.

Percorrendo o caminho acima, o presente trabalho procurou demonstrar o cenário social em que a mulher contemporânea está inserida, com suas infinitas possibilidades de realização e a insuficiência em alcançar todas elas.

Referências Bibliográficas

ALONSO, Silvia Leonor. *O tempo, a escuta, o feminino*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

BADINTER, Elisabeth. *O conflito: a mulher e a mãe*. Tradução Véra Lucia dos Reis – Rio de Janeiro: Record, 2011.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERRARI, Claudia Pizzinatto. *A neurose obsessiva*. Disponível em: http://www.ufrgs.br/psicopatologia/neurose_obsessiva/caludia_ferrari.htm Acesso em 01 ago. 2016.

FREUD, Sigmund. (1909) Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”). In: *Obras Completas*. vol. IX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. (1913) A predisposição à neurose obsessiva. In: *Obras Completas*. vol. X. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1917[1915]) Luto e melancolia. In: *Obras Completas*. vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1921) Psicologia das massas e análise do eu. In: *Obras Completas*. vol. XV. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. (1923) O eu e o id. In: *Obras Completas*. vol. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1930) O mal-estar na civilização. In: *Obras Completas*. vol. XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1933) Novas conferências introdutórias à Psicanálise. A feminilidade. In: *Obras Completas*. vol. XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FUKS, Mario Pablo; ALONSO, Silvia Leonor. *Histeria*. 1ª reimpressão. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

JERUSALINSKY, Alfredo. *Camille Claudel. Uma neurose obsessiva feminina*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre / Associação Psicanalítica de Porto Alegre. - nº 17,1999. - Porto Alegre: APPOA, 1995, ----. Absorveu: Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

JERUSALINSKY, Julieta. *Angústia na pós-maternidade*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, nº 35, p. 9-20, jun./dez/2008.

KEHL, Maria Rita. *Blefe!* Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre / Associação Psicanalítica de Porto Alegre. - nº 17,1999. - Porto Alegre: APPOA, 1995, ----. Absorveu: Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

LAENDER, Nadja Ribeiro. *A construção do conceito de superego em Freud*. Reverso v.27 Belo Horizonte, set. 2005. Versão impressa ISSN 0102-7395. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952005000100009 Acesso em 01 ago. 2016

MEES, Lúcia Alves. *A neurose obsessiva*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre / Associação Psicanalítica de Porto Alegre. - nº 17,1999. - Porto Alegre: APPOA, 1995, ----. Absorveu: Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

MELMAN, Charles. *A racionalidade como sintoma*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre / Associação Psicanalítica de Porto Alegre. - nº 17,1999. - Porto Alegre: APPOA, 1995, ----. Absorveu: Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

MENDES, Elziliane Domingues, et al. *Melancolia e Depressão: um estudo psicanalítico*. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Out-Dez 2014, Vol. 30 n.4, pp.423-431.

MILLOT, Catherine. *Nobodaddy a histeria no século*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1989.

NERI, Regina. *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

TEIXEIRA, Marcus do Rio. *A feminilidade na Psicanálise e outros ensaios*. Salvador: Ágalma, 1991.

TEIXEIRA, Marcus do Rio. *Vestígios do Gozo*. Salvador: Ágalma, 2014.